



Mecanismos do Poder Disciplinar na Escola: alguns apontamentos

Mechanisms of Disciplinary Power in the School: same notes

Thiago Donda Rodrigues¹

Resumo

Michel Foucault, em “*Vigiar e Punir*”, nos apresenta um meticuloso estudo sobre as mudanças nas formas de poder ocorridas no ocidente a partir do século XVII. Seus apontamentos mostram ter ocorrido, nesse sentido, uma radical transformação, a qual promoveu o total abandono das práticas violentas de poder sobre os corpos dos indivíduos e propiciou o desenvolvimento de mecanismos para um poder “gentil” atuante em suas almas: *o poder disciplinar*. Nosso objetivo neste ensaio é, a partir de uma revisão teórica, trazer à baila alguns mecanismos do poder disciplinar usados no ambiente escolar, em busca de abordar as relações de poder que possibilitaram a proveniência e emergência desses mecanismos, bem como o momento histórico em que se deram, suas funções dentro da instituição disciplinar e como são seus usos na escola.

Palavras-chave: Poder Disciplinar. Mecanismos Disciplinares. Instituição Disciplinar. Escola.

Abstract

Michel Foucault, in "Discipline e punish", presents us with a meticulous study of the changes in the forms of power that occurred in the West from the seventeenth century on, radically altering the way of exercising it, which made the practices of a power who acted violently on the bodies of individuals were abandoned and developed mechanisms for a "gentle" power, which acts in their souls: the disciplinary power. Our objective in this essay is, from a theoretical review, to bring to light some mechanisms of the disciplinary power used in the school environment, seeking to address the power relations that allowed the provenance and emergence of these mechanisms, as well as the historical moment in which they occurred, their functions within the disciplinary institution and how they are used in school.

Keywords: Disciplinary Power. Disciplinary Mechanisms Education. Disciplinary Institution. School.

O filósofo francês Michel Foucault, no curso *Os anormais*, oferecido entre 1974 e 1975 no Collège de France, nos explica que a revolução burguesa não foi somente a conquista, por uma classe social emergente, dos aparelhos de Estado que haviam sido

¹ Doutor em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista – UNESP – Rio Claro/SP; Professor do curso de Matemática-Licenciatura da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS, Campus de Paranaíba. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFMS e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, unidade universitária de Paranaíba. E-mail: thiago.rodriques@ufms.br

constituídos pela monarquia e tampouco, simplesmente a organização, por essa nova classe, de um novo conjunto institucional. “A revolução burguesa do século XVIII e início do século XIX foi a invenção de uma nova tecnologia do poder, cujas peças essenciais são as disciplinas.” (FOUCAULT, 2010, p. 75)

A invenção dessa nova forma de poder possibilitou não só a ascensão e a permanência da burguesia no comando dos aparelhos de Estado, mas também o aperfeiçoamento e a criação de novos aparelhos. O filósofo explica que o poder passou a ser exercido por meio de mecanismos permanentes de vigilância e controle, e não mais de maneira ritualística, como no feudalismo e na monarquia absoluta.

No livro *Vigiar e Punir* Foucault narra então a *emergência e a proveniência* dos mecanismos desenvolvidos pelo *poder disciplinar*, que possibilitaram a constituição das instituições disciplinares como aparelhos de Estado defensores de um modelo de sociedade. Dentre essas instituições, temos a fábrica, o exército, o hospital, o presídio, o manicômio e também a *escola*.

[...] os sistemas escolares se originam no séc. XVII com uma “Educação” aristocrática, em que alguns abastados membros da burguesia também podiam frequentar. Já a escola como “valor público” nasce no seio da Revolução Francesa ao final do século XVIII e Início do XIX, nesta época, todos os burgueses e quem pudesse manter o filho na escola, tinham acesso a escolarização. [...] a escola teve um papel importante na ascensão da burguesia ao poder, tanto na produção de saber (que gerou mais poder à burguesia) quanto no seu aparelhamento. Só no século XX, a escola, transformada em instituição disciplinar chega aos trabalhadores com a necessidade de formação de mão de obra e também pela necessidade de normalização dos indivíduos, no sentido de defender o modelo de sociedade. (RODRIGUES, 2017, p. 46)

Assim, nosso objetivo neste ensaio é, a partir de uma revisão teórica, trazer à baila alguns mecanismos disciplinares usados no ambiente escolar, estudados por Foucault, majoritariamente na obra *Vigiar e Punir*, em busca de abordar as relações de poder que possibilitaram a proveniência e a emergência desses mecanismos, bem como o momento histórico em que foram constituídos, suas funções dentro da instituição disciplinar e como são seus usos na escola.

Nossa intenção é fazer ressoar as ideias de Foucault “por ele mesmo”. Assim, nos desculpamos antecipadamente por, hora ou outra, fazermos uso de citações alongadas, as quais podem ser justificadas pelo fato de não termos a pretensão de fazer o papel de

“comentador” dos conceitos foucaultianos, mas sim de problematizar, a partir de suas ideias originais, a emergência e a proveniência da escola e seu funcionamento na atualidade.

Foucault, em “*Vigiar e Punir*”, nos apresenta um meticuloso estudo sobre as mudanças nas formas de poder ocorridas no ocidente a partir do século XVII. Seus apontamentos mostram ter ocorrido, nesse sentido, uma radical transformação, a qual promoveu o total abandono das práticas violentas de poder exercidas sobre os corpos dos indivíduos e propiciou o desenvolvimento de mecanismos para um poder “gentil” atuante em suas almas: *o poder disciplinar*.

O autor também mostra que essas mudanças não aconteceram subitamente, mas como uma multiplicidade de pequenos processos, provenientes de diferentes origens que “se recordam, se repetem, ou se imitam, apoiam-se uns sobre os outros, distinguem-se segundo seu campo de aplicação, entram em convergência e esboçam aos poucos a fachada de um método geral.” (FOUCAULT, 2005, p. 119) Nesse sentido, o estudo mostra que a constituição do poder disciplinar – e também suas instituições – durou um longo tempo, aproximadamente trezentos anos. Para isso, Foucault examina a *proveniência* dos mecanismos disciplinares, que consistem em demarcar as invenções, descobertas, os acidentes, os desvios, as inversões e erros que permitiram o nascimento das disciplinas; e sua *emergência*, que se produz a partir do confronto entre as forças, do embate em conjunto frente à adversidade, ou a tentativa de escaparem da degeneração e recobrar o vigor a partir de seu próprio enfraquecimento. (FOUCAULT, 2017)

No entanto, Foucault não abordou em *Vigiar e Punir* especificamente uma instituição e, apesar de o subtítulo sugerir o “*nascimento da prisão*”, o autor não faz necessariamente uma história dela. Nessa obra, o filósofo localiza uma série de mecanismos disciplinares de poder, presentes nas várias instituições que emergiram a partir do século XVII, e no decorrer do tempo acabaram por se generalizarem e constituírem as instituições disciplinares.

A partir de uma conceituação de poder disciplinar podemos compreender que, nessa forma de poder, sem necessariamente se utilizar da violência física, tem-se como objetivo tratar o corpo detalhadamente e exercer sobre ele uma coerção ininterrupta, ao nível do gesto, do movimento, de sua eficácia, de sua organização interna. Implica numa coerção que

esquadrinha os espaços, o tempo e o movimento. “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’”. (FOUCAULT, 2005, p. 118)

Sobre o momento histórico das disciplinas, o filósofo explica que

[...] nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais *obediente* quanto é mais *útil*, e inversamente. Forma-se então *uma política das coerções* que são um *trabalho sobre o corpo*, uma *manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos*. O corpo humano entra numa *maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe*. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”[...]; ela define como se pode *ter domínio sobre o corpo dos outros*, não simplesmente para que façam o que se quer, mas *para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina*. A disciplina fabrica assim corpos *submissos e exercitados, corpos “dóceis”*. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. (FOUCAULT, 2005, p. 119, grifos nossos)

O poder disciplinar implicou em uma mudança crucial no funcionamento da sociedade ocidental. Antes a “natureza” do indivíduo determinava seu lugar no mundo; “ser” dependia de uma pré-disposição natural: o soldado “nascia” soldado, o professor “nascia” professor, o sapateiro “nascia” sapateiro. Com o poder disciplinar, o indivíduo e seu lugar no mundo puderam ser fabricados, ou seja, “ser” não depende mais de sua “natureza”, mas de um treinamento, isto é, “treina-se” um soldado, “forma-se” um professor, “prepara-se” um sapateiro.

Para isso, a disciplina vale-se do seguinte princípio:

A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável mas de *trabalhá-lo detalhadamente*; de exercer sobre ele uma *coerção sem folga*, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica — movimentos, gestos atitude, rapidez: *poder infinitesimal sobre o corpo ativo*. O objeto, em seguida, do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a *eficácia dos movimentos*, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício. A modalidade enfim: implica numa *coerção ininterrupta*, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo

Perspectivas da Educação Matemática – INMA/UFMS – v. 11, n. 26 – Ano 2018

com uma codificação que *esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos*. [...] *as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação*. (FOUCAULT, 2005, p. 118, grifos nossos)

Assim, abordaremos, a partir de agora, alguns mecanismos disciplinares estudados por Foucault (2005), em busca de compreender o seu nascimento e a função deles para a instituição escolar, e também para o poder disciplinar.

A disciplina procede primeiramente na distribuição espacial dos indivíduos, ou seja, coloca em prática a chamada *Arte das distribuições*, e para isso usa várias técnicas. A primeira delas é a *cerca*. Muitas vezes a disciplina exige um local “heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo” e esse mecanismo “é uma mudança de escala, e também um novo tipo de controle” (FOUCAULT, 2005, p. 122). Nesse sentido, o filósofo explica que o modelo do convento foi imposto pouco a pouco nos colégios e o regime de educação do internato o mais perfeito para o poder disciplinar.

Segundo o autor, o modelo do convento foi importante para as instituições disciplinares, tais como fábricas, exércitos, colégios, pois possibilitou, dentre outras facilidades, o cercamento, a reunião dos indivíduos num mesmo recinto e o controle de entrada e saída. Nesse modelo, “[...] à medida que se concentram as forças de produção, o importante é tirar delas o máximo de vantagens e neutralizar seus inconvenientes (roubos, interrupção do trabalho, agitações e ‘cabalas’)”. (FOUCAULT, 2005, p. 122)

Assim, de certa forma, a cerca é uma ideia simples: sitiar os indivíduos para que possam ser vigiados e melhor controlados. Esse mecanismo pode ser considerado “elementar” no âmbito escolar, pois evita fugas, brigas, ociosidade, dentre outros. É um recurso imprescindível para as escolas convencionais e mesmo em escolas com ideais progressistas, a cerca é difícil de ser superada. Atualmente, com o argumento de oferecer segurança aos estudantes, as maneiras de cercar são variadas: muros, cada vez mais altos; portões, cada vez mais robustos; grades nas janelas, guardas patrimoniais, cercas elétricas, concertinas, alarmes, câmeras, entre outras maneiras de cercar.

No entanto, ao poder disciplinar não basta cercar, nem mesmo essa prática é constante ou indispensável; muitas vezes os mecanismos são mais sutis e plásticos, como o

[...] princípio da localização imediata ou do ‘quadriculamento’. Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. Evitar as distribuições por grupos; decompor as implantações coletivas; analisar as pluralidades confusas, maciças ou fugidias. O espaço disciplinar tende a se

dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; [...] Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante *vigiar* o comportamento de cada um, *apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos.* (FOUCAULT, 2005, p. 123, grifos nosso)

Assim como a cerca, o quadriculamento é um processo que tem o objetivo de vigiar e controlar melhor, e faz isso a partir da organização do espaço. A disposição dos alunos nas salas de aula é uma clara demonstração desse recurso no âmbito escolar: cada aluno no seu lugar. Antes de ser algo que visa meramente ao aspecto estético, objetiva detectar as presenças e ausências; saber a localização dos indivíduos – inclusive com a utilização dos “mapas de sala”, muito presentes ainda hoje nas escolas – ; autorizar o acesso ou não a espaços da escola; estabelecer por onde e quando poderão circular; avaliar o aluno, analisá-lo, evitar seu desaparecimento. Como diz Foucault (2005, p. 123), consiste em um procedimento de “conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico.”

O autor também destaca que a disciplina é a arte de colocar em fila, de individualizar os corpos numa localização que os distribui e os faz circular numa rede de relações. Na disciplina, “os elementos são intercambiáveis, pois cada um se define pelo lugar que ocupa na série, e pela distância que o separa dos outros. A unidade não é portanto nem o território (unidade de dominação), nem o local (unidade de residência), mas a posição na fila” (FOUCAULT, 2005, p. 125)

O filósofo nos conta que, durante o século XVII, a classe que, no modelo dos colégios jesuítas abarcavam centenas de alunos e era organizada em grupos, passa ter uma formação homogênea, composta por elementos individuais colocados lado a lado. O que possibilitou essa organização, segundo Foucault (2005, p. 125-126, grifo nosso), foi a ordenação dos sujeitos em fila.

A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de *repartição dos indivíduos na ordem escolar*: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e cada prova; colocação que ele obtém de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano; alinhamento das classes de idade umas depois das outras; sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente. E nesse conjunto de alinhamentos obrigatórios, cada aluno segundo sua idade, seus desempenhos, seu comportamento, ocupa ora uma fila, ora outra.

Ainda com o intuito de organizar para melhor vigiar e controlar, podemos compreender a fila como um mecanismo de ordenação e hierarquização presente no ambiente escolar, não só nas organizações dos estudantes, divididos em meninos e meninas, por ordem crescente de estatura, por série/ano a que pertencem para que – talvez com mais constância atualmente na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental – entrem nas salas, saiam para o intervalo, se desloquem no interior da escola; ou nas mesas e cadeiras enfileiradas, mas também ordenando as séries a serem cursadas, os bimestres a serem realizados, os conteúdos a serem ensinados, por ordem crescente de dificuldade, dentre outras. É importante ressaltar que ao dispor ordenada e hierarquicamente uma série de saberes a serem ensinados, instituem-se quais conhecimentos serão reconhecidos como escolares e também quais serão admitidos no ambiente escolar.

Assim, os mecanismos *d'A arte das distribuições* constituíram o que Foucault chama de *quadros vivos*, que possibilitaram à escola organizar um grande número de indivíduos, agrupados segundo a idade, a série/ano cursada, o rendimento de cada um; alinhar indivíduos em sala de aula, algumas vezes em filas que se diferenciavam pelo desenvolvimento ou comportamento de cada um; ordenar o que e quando ensinar, hierarquizar os estudantes a partir de seu aproveitamento e notas. Essa organização, algo que até então não era possível, permitiu um único professor trabalhar simultaneamente com todos da turma.

Foucault explica que essa foi uma das grandes mudanças nas formas de ensinar, pois antes a escola funcionava num modelo em que o professor atendia individualmente um aluno enquanto os outros esperavam para serem ensinados. Para Foucault (2005 p. 126, grifo nosso), o espaço serial “organizou uma nova economia do tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar [não só] como uma *máquina de ensinar*, mas também de *vigiar*, de *hierarquizar*, de *recompensar*.”

A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de “*quadros vivos*” que transformam as *multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas*. [...] O quadro, no século XVIII, é ao mesmo tempo uma *técnica de poder* e um *processo de saber*. Trata-se de organizar o múltiplo, de se obter um instrumento para percorrê-lo e dominá-lo; trata-se de lhe impor uma “*ordem*”. (FOUCAULT, 2005, p. 126-127, grifos nossos)

Esse espaço serial, a partir do exercício de poder que lhe permite vigiar, controlar, perscrutar, ordenar e experienciar, também possibilitou (e possibilita) a geração de saber, que

permite aperfeiçoar os mecanismos disciplinares e também criar outros complementares, de forma a gerar mais poder. Nesse sentido, Foucault (2005, p. 27) nos apresenta o ciclo poder-saber e ressalta que “o poder produz saber [...]; que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder”.

O poder disciplinar também se utiliza de mecanismos que o filósofo chama de o *controle da atividade*. Dentre eles está o *horário* e os três grandes processos dessa técnica são: “estabelecer as cesuras, obrigar a ocupações determinadas, regulamentar os ciclos de repetição” (FOUCAULT, 2005, p.128). Segundo o autor, o horário pode ser encontrado desde muito cedo nos colégios, data do século XVII, e explica que a rigorosidade na contagem do tempo tem a função de controlar a atividade e garantir que o tempo utilizado seja qualitativa e quantitativamente bem aproveitado, “trata-se de constituir um tempo integralmente útil” (FOUCAULT, 2005, p.128)

Em algumas escolas do início do século XIX, o controle temporal das atividades era extremamente minucioso, cada “passo” dado pelo aluno era cronometrado rigorosamente; cada ato e cada atividade tinham o momento certo e o período exato para ser realizado. Atualmente, na grande maioria das escolas, o controle do tempo não é tão esmiuçaste quanto outrora, mas rege a rotina escolar, pois há o horário para entrar e sair da escola, para entrar e sair da sala, para ir e voltar do intervalo, para as aulas, para cantar o hino, para rezar, dentre outros.

Aliada ao horário, a disciplina faz uso d’A *utilização exhaustiva* que, com os primeiros registros no século XVIII, busca

[...] *intensificar* o uso do mínimo instante, como se o tempo, em seu próprio fracionamento, fosse inesgotável; ou como se, pelo menos, por uma organização interna cada vez mais detalhada, se pudesse tender para um ponto ideal em que o *máximo de rapidez* encontra o *máximo de eficiência*. (FOUCAULT, 2005, p. 131, grifo nosso)

Na instituição disciplinar, no intuito de aproveitar cada instante e otimizá-lo ao máximo, esse recurso é uma forma de controle que busca evitar a ociosidade e diminuir ao máximo o tempo gasto com e entre atividades. Desse modo, é comum que as escolas procurem inibir a perda de tempo entre a troca de professores, o tempo gasto entre a entrada do professor em sala e o “início” da aula ou que se preocupem em ocupar todo o tempo da aula com atividades.

Também podemos ver esse mecanismo em situações didáticas em que se pretende rapidez e eficiência, tais como memorização de informações ou treinamento de técnicas, por meio da busca de exemplos num campo que nos é próximo; a memorização de tabuadas, dos arcos notáveis na trigonometria, de fórmulas; também exigimos que os alunos repitam infinitamente os algoritmos da soma, subtração, multiplicação e divisão; os treinamos para a perfeita execução das técnicas de resolução de equações do primeiro e segundo grau, para desenvolver o Teorema de Pitágoras, entre outros. Todos esses procedimentos, muito comuns no ensino de Matemática, têm o objetivo de fazer com que os alunos resolvam questões mecânica e automaticamente, sem perda de tempo e sem erros.

Formas mais intensas da utilização exaustiva podem ser mais comuns em escolas que objetivam a preparação de alunos para exames vestibulares e o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, e ainda mais enrijecidas em escolas mantidas por instituições militares ou religiosas.

Foucault (2005, p. 131) explica que na escola mútua do século XIX essa prática buscava intensificar a utilização do tempo, com desvio do caráter linear e sucessivo do trabalho do professor, ao propor atividades que eram feitas concomitantemente por diversos grupos de alunos, sob a supervisão de alunos monitores e adjuntos, com o fomento da realização de atividades múltiplas e ordenadas. O autor também ressalta que o ritmo regido por sinais, apitos e comandos impunha o aceleração do processo de aprendizagem e preconizava que a rapidez é uma virtude. A escola mútua era um aparelho com o objetivo de ensinar de forma eficaz e rápida.

No que denominou *A organização das gêneses*, Foucault explica que além de analisar o espaço, decompor e recompor as atividades, as disciplinas também precisam ser entendidas como aparelhos para adicionar e capitalizar o tempo. Trata-se do desenvolvimento, no séc. XVII, segundo Foucault (2005, p. 133), de uma “técnica para a apropriação do tempo das existências singulares; para reger as relações do tempo, dos corpos e das forças; para realizar uma acumulação da duração; e para inverter em lucro ou em utilidade sempre aumentados o movimento do tempo que passa”.

Para Foucault (2005, p. 134) isso compreende quatro processos. O primeiro se refere a “Dividir a duração em segmentos, sucessivos ou paralelos, dos quais cada um deve chegar a um termo específico”; o segundo “Organizar essas sequências segundo um esquema analítico – sucessão de elementos tão simples quanto possível, combinando-se segundo uma

complexidade crescente.”; o terceiro “[...] fixar-lhes um termo marcado por uma prova, que tem a tríplice função de indicar se o indivíduo atingiu o nível estatutário, de garantir que sua aprendizagem está em conformidade com a dos outros, e diferenciar as capacidades de cada indivíduo” e o quarto “Estabelecer séries de séries; prescrever a cada um [...] os exercícios que lhe convêm; os exercícios comuns têm um papel diferenciador e cada diferença comporta exercícios específicos”.

Nesse sentido, há toda uma organização do sistema escolar para a progressão do indivíduo, com vistas a sempre render vantagens e atender aos interesses do poder. Podemos ver esse processo, por exemplo, no tempo dividido em sequências, separadas e ajustadas: a Educação Básica em três etapas – *Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio*, divididas em 2 anos (pelo menos), 9 e 3 anos, respectivamente; obrigatoriedade de 200 dias letivos, compostos por 4 bimestres letivos; realização de exames para que os alunos sejam promovidos de uma série para outra, ou de um ciclo para outro, ou de uma etapa para outra; determinação de programas que devem ser nelas desenvolvidos e organizados de maneira progressivas em cada fase desta – bimestres, anos; classificação dos alunos dependendo do desempenho nessas fases e avaliações.

A colocação em “série” das atividades sucessivas permite todo um investimento da duração pelo poder: possibilidade de um *controle detalhado* e de uma *intervenção pontual* (de *diferenciação*, de *correção*, de *castigo*, de *eliminação*) a cada momento do tempo; possibilidade de *caracterizar*, portanto de *utilizar* os indivíduos de acordo com o nível que têm nas séries que percorrem; possibilidade de acumular o tempo e a atividade, de encontrá-los totalizados e utilizáveis num resultado último, que é a capacidade final de um indivíduo. Recolhe-se a dispersão temporal para lucrar com isso e conserva-se o domínio de uma duração que escapa. O poder se articula diretamente sobre o tempo; realiza o controle dele e garante sua utilização.

Os procedimentos disciplinares revelam um tempo linear cujos momentos se integram uns nos outros, e que se orienta para um ponto terminal e estável. Em suma, um tempo “evolutivo”. FOUCAULT (2005, p. 135-136, grifos nossos)

Assim, o autor explica que a partir dos mecanismos disciplinares se descobre uma nova forma de lidar com a gênese dos indivíduos e o progresso das sociedades. Essas “descobertas” do século XVIII são talvez correlatas das novas técnicas de poder e, mais precisamente, de *uma nova maneira de gerir o tempo e torná-lo útil, por recorte segmentar, por seriação, por síntese e totalização.*” (FOUCAULT, 2005, p. 136, grifos nossos)

Ao adentrar a questão d’*Os recursos para bom adestramento*, Foucault (2005) nos chama atenção para o fato de que o poder disciplinar menos se apropria e retira dos indivíduos do que os adestra; tem a intenção de, a partir desse adestramento, multiplicar e melhorar as forças. Para tanto, faz uso de instrumentos como a *Vigilância Hierárquica*, desenvolvida a partir do século XVII, que consiste, segundo Foucault (2005, p. 143), em um “aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam.”

O acampamento militar é um bom modelo de vigilância hierarquizada, cujo poder age a partir de uma visibilidade global. Segundo Foucault (2005, p. 144), no decorrer de um longo período histórico, “no urbanismo, na construção das cidades operárias, dos hospitais, dos asilos, das prisões, das casas de educação, pode ser encontrado esse modelo do acampamento ou pelo menos o princípio que o sustenta: o encaixamento espacial das vigilâncias hierarquizadas.”

Toda uma problemática se desenvolve então: a de uma arquitetura [...] para permitir um *controle interior, articulado e detalhado* — para tornar visíveis os que nela se encontram; mais geralmente, a de uma arquitetura que seria um operador para a transformação dos indivíduos: *agir sobre aquele que abriga, dar domínio sobre seu comportamento, reconduzir até eles os efeitos do poder, oferecê-los a um conhecimento, modificá-los.* (FOUCAULT, 2005, p. 144, grifos nossos)

Desse modo, a vigilância hierárquica é a disposição arquitetural planejada estrategicamente para possibilitar uma detalhada e articulada vigilância, e a ação sobre o “indisciplinado”, o “preguiçoso”, o “lerdo”, de modo a viabilizar a sua (trans)formação. A arquitetura dos prédios escolares geralmente segue esse princípio, pois comumente as salas estão localizadas de modo que qualquer ato ou comportamento inconveniente sejam facilmente localizados e identificados; a posição matricial das mesas na sala de aula que permite total visibilidade ao professor; a sala da direção geralmente está numa posição estratégica, de onde é possível tudo vigiar e controlar.

Outro instrumento disciplinar para o bom adestramento é a *sanção normalizadora*, que segundo Foucault (2005), é um micro mecanismo penal.

Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (*atrasos, ausências, interrupções das tarefas*), da atividade (*desatenção, negligência, falta de zelo*), da maneira de ser (*grosseria, desobediência*), dos discursos (*tagarelice, insolência*), do corpo (*atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira*), da sexualidade

(*imodéstia, indecência*). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do *castigo físico leve* a *privações ligeiras* e a *pequenas humilhações*. (FOUCAULT, 2005, p. 149, grifos nossos)

No ambiente escolar, por exemplo, Foucault (2005, p. 149) assinala: “a ‘falta’ do aluno é, assim como um delito menor, uma inaptidão a cumprir suas tarefas.” O autor também explica que o castigo disciplinar tem o objetivo de diminuir os desvios e a função de ser *corretivo*, e ainda pontua que “os sistemas disciplinares privilegiam as punições que são da ordem do exercício – aprendizado intensificado, multiplicado, muitas vezes repetido” (FOUCAULT, 2005, p. 150)

Assim, com o propósito de adestrar e ajustar os indivíduos à norma, a sanção normalizadora pune todos que não se adequam ao padrão instituído, em busca de sua correção. Na escola, podemos ver esse mecanismo em situações, tais como: se o aluno falta muito o responsável é acionado e se esse limite é extrapolado o aluno pode reprovar; para inibir os atrasos são usados instrumentos punitivos como “advertências”; quando são usadas palavras consideradas de baixo calão a direção é acionada, e se essas palavras ofendem pessoalmente alguém, o “infrator” é repreendido ou advertido; quando há desobediência por parte dos alunos, esses são repreendidos, castigados e algumas vezes humilhados; quando os alunos conversam além do que é considerado normal, são repreendidos; proibem-se determinadas peças de roupa – geralmente feminina – por serem consideradas imorais; solicita-se a repetição de uma tarefa caso ela esteja “errada”, entre outras ações.

No entanto, não somente os desvios dos alunos devem ser vigiados e corrigidos, mas de todos os atores da escola. Aos professores, diretores e demais funcionários também são impostas muitas normalidades, tais como, “postura” em sala de aula, método de ensino, limite de faltas, de atraso e em caso de desobediência também são passíveis de punição. Na escola todo o desvio deve ser detectado, repreendido e corrigido.

No entanto, no poder disciplinar a punição não se restringe à coação, mas consiste num sistema duplo de gratificação-sanção, o que possibilita o processo de treinamento e correção. Foucault (2005) nos explica que, no ambiente escolar, a possibilidade da gratificação pode ser mais instigante aos alunos que os castigos. Essa prática pode ser vista claramente na escola de hoje em momentos que, por exemplo, os professores gratificam com pontos extras nas provas e médias, por exemplo, os alunos que participam das aulas, de atividades extras, de atividades de reforço, fazem a “tarefa de casa”. Todavia, também

podemos ver a punição quando o professor desconta pontos de quem não realiza essas atividades.

Em suma, a arte de punir, no regime do poder disciplinar, não visa nem a expiação, nem mesmo exatamente a repressão. Põe em funcionamento cinco operações bem distintas: relacionar os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um conjunto, que é ao mesmo tempo campo de comparação, espaço de diferenciação e princípio de uma regra a seguir. Diferenciar os indivíduos em relação uns aos outros e em função dessa regra de conjunto — que se deve fazer funcionar como base mínima, como média a respeitar ou como o ótimo de que se deve chegar perto. Medir em termos quantitativos e hierarquizar em termos de valor as capacidades, o nível, a “natureza” dos indivíduos. Fazer funcionar, através dessa medida “valorizadora”, a coação de uma conformidade a realizar. Enfim traçar o limite que definirá a diferença em relação a todas as diferenças, a fronteira externa do anormal [...]. A penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares *compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui*. Em uma palavra, ela *normaliza*. (FOUCAULT, 2005, p. 152-153, grifos nossos)

O *exame* também é um dos mecanismos para o bom adestramento, estabelece a possibilidade de visibilidade dos indivíduos combinando mecanismos de sanção que normaliza e de hierarquia que vigia. O exame compreende campos de saberes e tipos de poderes. Assim,

[...] a escola torna-se uma espécie de *aparelho de exame ininterrupto* que acompanha em todo o seu comprimento a operação do ensino. [...] uma *comparação perpétua de cada um com todos*, que permite ao mesmo tempo *medir e sancionar*. [...] O exame permite ao mestre, ao mesmo tempo em que transmite seu saber, levantar um campo de conhecimentos sobre seus alunos. [...] o exame é na escola uma verdadeira e constante troca de saberes: garante a passagem dos conhecimentos do mestre ao aluno, mas retira do aluno um saber destinado e reservado ao mestre. A escola torna-se o local de elaboração da pedagogia. [...] a era da escola “*examinatória*” marcou o início de uma pedagogia que funciona como ciência. [...]

O exame supõe um mecanismo que liga um certo tipo de formação de saber a uma certa forma de exercício do poder. (FOUCAULT, 2005, p. 155-156, grifos nossos)

O autor explica ainda que o exame é central na constituição do sujeito como efeito e objeto do poder e do saber. É o exame que “realiza as grandes funções disciplinares de repartição e classificação, de extração máxima das forças e do tempo, de acumulação genética contínua, de composição ótima das aptidões. Portanto, de fabricação da *individualidade celular, orgânica, genética e combinatória*.” (FOUCAULT, 2005, p. 160, grifos nossos)

Assim, o exame escolar exhibe o aluno, dá possibilidade ao professor de avaliar o que foi ou não aprendido, comparar os alunos, classificá-los como bons, ruins ou regulares, atribuir-lhes uma nota, corrigir seus erros, repreendê-los caso julgue necessário, aprová-los ou reprová-los. Como Foucault (2005, p. 160) explica, o exame é um “controle normalizante”, pois a partir dele podemos formar o aluno ideal, ou seja, adequado à norma.

Por fim abordaremos o *Panóptico*. Sua figura arquitetural consiste em uma construção anelar dividida por celas/salas, cujos interiores podem ser visibilizados do alto da torre localizada no centro da edificação. O essencial é que da torre se vigie as celas/salas sem ser visto. O efeito mais relevante do Panóptico, segundo Foucault (2005, p. 166), é “induzir [...] um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder” e completa “A visibilidade é uma armadilha.”

A ideia do Panóptico, então, é que por ter conhecimento da possibilidade da vigilância de seus atos, o indivíduo passa então a realizar suas atividades dentro das regras estabelecidas. Na escola, em termos de arquitetura, podemos ver esse conceito na construção de alguns prédios, pois a localização da sala da direção num ponto estratégico, de onde se pode vigiar tudo e todos; a disposição das janelas das salas e até a disposição em círculo das cadeiras, dentre outros, possibilitam a ampla visibilidade e a sensação de vigilância ininterrupta. No entanto, talvez mais forte que isso e mais sofisticada é a constituição de uma tecnologia de poder baseada no chamado sistema do panoptismo, cujo poder é onisciente e onipresente, pois embora não tenha a figura do vigia, faz com que os indivíduos obedeçam às regras, devido ao fato de acreditarem estar sob controle todo o tempo.

Na escola, esse sistema pode ser observado no cumprimento rigoroso dos conteúdos estipulados no currículo pelo professor, na sua perseverança em não perder tempo na aula; na postura de muitos alunos de não “colar”, de se manter em silêncio durante as aulas, de se manter sentado, sem que necessariamente haja alguém sistematicamente controlando e vigiando os indivíduos.

Para Foucault,

O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens; um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça. (FOUCAULT, 2005, p. 169)

Assim, o panóptico carrega em sua funcionalidade os mecanismos da observação individualizante, caracterização, classificação, organização analítica e também pode ser um local para experiências, para mudança de comportamentos e treinamentos.

Neste texto buscamos mostrar, a partir das ideias de Michel Foucault sobre poder disciplinar, que a escola é uma instituição disciplinar a qual faz uso de mecanismos que, dentre outras coisas, organizam, ordenam, hierarquizam, classificam, homogêizam, comparam, analisam, avaliam e excluem, com o objetivo de normalizar e domesticar, não só a partir da vigilância e punição, mas também da recompensa. A normalização e a domesticação objetivada pela escola cumprem o papel de posicioná-la como um aparelho de Estado, que tem o objetivo de defender o modelo de sociedade vigente.

Atualmente, o conceito de poder de Foucault e essa concepção de escola suleiam algumas de nossas reflexões nos campos da Etnomatemática, Educação Inclusiva, Filosofia da Diferença, em trabalhos, tais como, Rodrigues (2017a, 2017b) e Rodrigues e Lübeck (2018) e também estão presentes na base das discussões em nossas orientações de trabalhos acadêmicos.

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhete. 30 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 6º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

RODRIGUES, Thiago Donda. Etnomatemática e Filosofia da Diferença: possíveis diálogos. **Journal of Mathematics and Culture**, 11(1), 1-13, 2017a.

RODRIGUES, Thiago Donda. **Práticas de Exclusão em Ambiente Escolar**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017b.

RODRIGUES, Thiago Donda. Por que a Etnomatemática pode contribuir para o processo de inclusão escolar? **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 5, n. 9, p. 120-133, jan.- jun. 2018

RODRIGUES, Thiago Donda; LÚBECK, Marcos. Contribuições da Etnomatemática para uma Educação Inclusiva. In. **Congresso Internacional de Etnomatemática: Saberes, diversidade e paz**. 6, 2018. Anais..., Medellín: Universidade de Antioquia.

Submetido em Maio de 2018

Aprovado em Agosto de 2018

